

## Índice

Primeiro capítulo — Preâmbulo	7
Segundo capítulo — Evolução do território (1)	13
Terceiro capítulo — O primeiro ano da reforma	24
Quarto capítulo — Os protagonistas	41
Quinto capítulo — Poder político (1)	73
Sexto capítulo — Costumes e tradições	88
Sétimo capítulo — Poder político (2)	110
Oitavo capítulo — Economia integrada	123
Nono capítulo — Envolvência natural	143
Décimo capítulo — Transformação abissal	178
Décimo primeiro capítulo — A contenda	195
Décimo segundo capítulo — Questões de defesa nacional	211
Décimo terceiro capítulo — A era pós-industrial-militar	232
Décimo quarto capítulo — Evolução do território (2)	267
Décimo quinto capítulo — Cultura, património e história	271
Décimo sexto capítulo — Figuras do novo clã	305
Décimo sétimo capítulo — Grande evolução do território (1)	322
Décimo oitavo capítulo — Grande evolução do território (2)	348
Décimo nono capítulo — Notas finais do editor- -executivo (epílogo)	380
Anexo: China, literatura e mitorrealismo	385
Glossário	393
Nota do tradutor	395

## Segundo capítulo — Evolução do território (1)

### 1 — Aldeia natural

#### Dinastia Song

No período Song do Norte, a capital do império era Bianliang (atual Kaifeng), a uma distância de trezentos e cinquenta quilômetros da antiga capital, Luoyang. Durante este período, um vulcão entrou em erupção junto ao pico central da serra de Funiu, na freguesia de Gaoyi, setenta quilômetros a sudoeste de Luoyang, libertando fumo e gases durante meses. Na antiguidade, as pessoas não tinham conhecimentos de geologia e assim diziam que o chão se “rasgou” ou “explodiu”. Devido a esta “explosão”, a população que habitava as terras em redor do vulcão começou a migrar, em busca de outro local onde fosse possível subsistir. Alguma desta gente veio a estabelecer-se na serra de Balou, a cem quilômetros de distância. Começaram a lavrar a terra e foram vivendo em paz, e em poucos anos uma aldeia começou a ganhar forma. Deram-lhe o nome de “Explosão”, em memória da migração originada pelo rasgar e explodir do chão.

#### Dinastia Yuan

No início, a população de Explosão rondava a centena de pessoas. Dado que estava localizada entre as águas do rio Yi e as montanhas de Balou, o terreno que separava a aldeia do rio era plano e amplo, e ali começaram a juntar-se agricultores da região para trocas e vendas, e uma feira começou a desenvolver-se.

## Dinastia Ming

A população de Explosão cresceu depressa, atingindo um número superior a quinhentas pessoas, sendo Kong e Zhu os apelidos mais comuns. Muitos reclamavam ser descendentes de Confúcio, mas não existem documentos genealógicos que o possam comprovar. O mercado da aldeia começou a realizar-se em dias fixos — no primeiro, no décimo primeiro e no vigésimo primeiro dia de cada mês — e muita gente ali se juntava, a comprar e a vender, a fazer pela vida.

## Dinastia Qing

A sociedade conheceu uma fase de declínio durante a dinastia Qing, e na zona dos planaltos centrais verificaram-se quatro rebeliões. Quando as tropas rebeldes de Li Zicheng entraram na província de Henan, confrontaram-se com o exército do imperador na zona de Explosão, tendo os habitantes da vila e da região sofrido violentas pilhagens, com saques frequentes do gado e de cereais. A somar a isto, a região foi assolada por uma grave seca que se estendeu por vários anos, e assim deixaram de aparecer grãos por entre as espigas do trigo ou flores por entre as ervas, o que forçou o povo de Explosão a fugir para oeste, para Shanxi, para Gansu e até mesmo para Xinjiang. Em Explosão, deixou de se ver fumo a sair pelas chaminés, quase não ficou ninguém, e a aldeia esteve perto de desaparecer.

## Período republicano

As pessoas partem e regressam, e ao fim de algum tempo voltou a ver-se fumo a subir pelas chaminés daqueles telhados de palha. Segundo as “Crónicas de Gaoyi” da época, a população de Explosão atingiu as várias centenas e, devido à sua proximidade com o rio, voltou a tornar-se num importante mercado da região de Balou, e dessa forma, graças ao trabalho árduo e aos hábitos frugais do povo, a vida na aldeia foi melhorando. A meio do período republicano, uma vez que foi descoberta nas proximidades uma importante reserva mineira, o caminho de ferro foi estendido até à região, e uma estação foi construída a vinte quilómetros de Explosão, e esta zona abandonou a tranquilidade e abraçou o progresso. O transporte de mercado-

rias ficou facilitado e a aldeia foi perdendo o seu caráter natural, passando a caracterizar-se como uma aldeia social.

## 2 — Aldeia social (1)

Depois da fundação da nova China, em 1949, Explosão tornou-se num microcosmo da história chinesa, partilhando tanto o desenvolvimento como as dores do país. Em Explosão viveu-se o delírio e o espanto da reforma agrária, marcada pelo ataque aos proprietários e pela divisão de terras. Durante esta fase, as três concubinas de um proprietário rico da família Zhu foram distribuídas por três camponeses. O avô do atual presidente do município Kong Mingliang foi um deles, recebendo a terceira concubina. Na noite de núpcias, ele deitou a mulher na cama, mas não se atreveu a pôr-se em cima daquele corpo, de uma beleza e delicadeza celestial. Ajoelhou-se junto à cama e ali ficou a bater com a cabeça, até se verem os primeiros raios de luz vindos de leste. Apercebendo-se da simplicidade e sinceridade daquele homem, a terceira concubina desceu da cama, mandou-o lá para cima, desapertou-lhe a roupa e puxou-o depois para cima do seu corpo. Foram os acontecimentos dessa noite que fizeram com que Explosão recebesse Kong Dongde, o pai de Kong Mingliang, dando-se assim início à incrível saga do clã Kong e de “As Crônicas de Explosão”. Alguns anos após a libertação, iniciou-se o movimento de coletivização, em que as terras inicialmente distribuídas pelos camponeses foram agrupadas em cooperativas, o que levou o avô do atual presidente do município a sentar-se junto ao pedaço de terra que lhe pertencia num choro tremendo, e ali ficou por três dias e três noites, num pranto incessante, o que atraiu quase todos os outros camponeses a quem tinha sido atribuída uma parcela de terra, e todos foram chorar para junto das propriedades que estavam então prestes a perder. Mas a avó do atual presidente do município, a terceira concubina, passou todo o tempo a rir junto ao terreno, enquanto passava os dedos pelo seu cabelo. Ela riu por muito tempo sem dizer absolutamente nada, um comportamento que se reveste de um profundo significado, e foi esta a origem da “tradição do choro” de Explosão (adiante será explicada em maior detalhe). Em seguida, durante a campanha “Combater

os Três e Combater os Cinco”<sup>1</sup>, alguns habitantes de Explosão, por terem recolhido madeira na serra para fazer cabos de enxada ou bancos, foram detidos e enviados para campos de reeducação pelo trabalho, o que deixou muita gente em choque. Durante este período, Kong Dongde danificou inadvertidamente ferramentas agrícolas da cooperativa, sendo por esse motivo enviado para a prisão, condenado pelo crime de “destruição de ferramentas socialistas”. Este incidente constituiu a ferida mais profunda na história da família Kong, marcando também o início deste registo histórico.

Em 1958, foram implementadas em todo o país as comunas populares, e a aldeia passou a ser designada como “Brigada de Produção de Explosão” da Grande Comuna Popular, e a partir deste momento a aldeia partilhou de forma ainda mais íntima as glórias e as angústias da república.

Em 1966 irrompeu a Revolução Cultural, durante a qual se formaram duas fações rivais em Explosão, uma dominada pelo apelido Kong e a outra pelo apelido Zhu. Enquanto isso, o terceiro clã mais numeroso da vila, a família Cheng, afastou-se para o lado a assistir aos combates e viveu tranquilamente os seus dias. Em Explosão, a Revolução Cultural foi essencialmente uma batalha entre dois clãs, mas que se desenrolou sob a forma da luta de classes. Dez anos de revolução, dez anos de confusão, levaram alguns à morte e outros à prisão, enquanto outros foram apenas trabalhando a terra e fazendo pela vida. Kong Dongde, o pai de Kong Mingliang, estava um dia curvado a trabalhar com a enxada quando um pássaro que por ali esvoaçava largou caca sobre as suas costas. A caganita foi-se misturando com o seu suor, sendo absorvida pela roupa e resultando numa mancha na sua camisa branca que ganhou a forma do mapa da China. Depois de meio mês sem lavar a roupa, o mapa de caca continuava naquelas costas, até que alguém deu por aquilo e o denunciou ao chefe da aldeia, Zhu Qingfang. O chefe Zhu classificou o incidente como “grave” e enviou um relatório para a comuna, que por sua vez notificou o governo local, num processo que terminou com Kong Dongde a ser enviado pela segunda vez para a prisão, com uma sen-

1 Entre 1951 e 1952, durante a construção do socialismo, foi lançada uma campanha nacional revolucionária, que se espalhou das cidades para as aldeias, do topo à base da sociedade, dirigida ao combate à “corrupção, desperdício e burocracia”, a que se juntou depois o combate ao “suborno, fuga aos impostos, roubo de bens do Estado, uso de materiais indevidos nas obras do Estado e roubo de informações económicas”.

tença muito severa, e a passar uma longa temporada no campo de reeducação pelo trabalho. Até que um dia foi libertado, regressando à vila mergulhado numa profunda angústia, e foi este incidente que marcou a viragem para uma nova era para a localidade de Explosão.

E aqui chegamos a um desfecho, mas também a um novo começo em “As Crônicas de Explosão”.

### 3 — Aldeia social (2)

Aconteceu no início do inverno, quando os céus esfriam e a terra congela, quando toda a população se fecha em casa, as árvores ficam subitamente despidas e os pardais se escondem sob as calhas dos telhados. Toda a aldeia de Explosão se encontrava envolvida pelo sossego, pela tranquilidade e pela paz.

Kong Dongde regressou da prisão. Foi algo inesperado, ninguém soube, e ele permaneceu fechado em casa durante um mês sem nunca pôr os pés na rua. Na realidade, este homem tinha já sessenta e dois anos de idade, doze deles passados na prisão, e já ninguém fazia ideia de onde estava a cumprir pena nem que vida tinha ou por que privações passava. Mas uma noite bateu à porta de casa, deixando toda a família em choque. Os rostos da mulher e dos filhos foram inundados pelas lágrimas, mas aquela família vivia também uma vida cinzenta e depressiva, e assim, além de lhe perguntarem se queria comer ou beber alguma coisa, ninguém disse absolutamente nada.

Ele havia sido condenado à pena capital, e todos assumiam que estivesse já morto, mas afinal estava vivo e de volta a casa. Todo o seu cabelo estava branco e o seu corpo ficou magro como um ramo seco. Se não fosse pelo movimento dos seus olhos, quem o visse ali em casa sentado julgaria que estava a olhar para um cadáver.

Quando se deitava parecia-se ainda mais com um morto, alguém que nunca voltaria ao mundo dos vivos.

No entanto, após meio mês de torpor, voltou a surgir no seu rosto a cor dos vivos, e nesse dia chamou os filhos ao seu quarto, para junto da sua cama, abriu a boca e disse:

“Os caminhos do mundo estão a mudar, a brigada de produção vai deixar de ter esse nome, voltaremos a chamá-la de aldeia.”

“... as terras serão novamente repartidas pelos camponeses, e voltará a fazer-se comércio.”

“... em Explosão, as famílias Zhu e Cheng estão acabadas, chegou a hora de a nossa família Kong assumir o domínio.”

Casado aos vinte e pai de filhos depois dos trinta, tinha agora à sua frente os quatro filhos a olhar fixamente para ele, como uma ninhada de cães que, depois de crescer, esperam pela oportunidade de deixar a toca. Kong Mingguang, o mais velho, Kong Mingliang, o segundo, Kong Mingyao, o terceiro, e Kong Minghui, o quarto, formavam uma fila em pé, junto à cama do pai. Sob a cama queimava um fogareiro e o aroma a resina espalhava-se pelo quarto, e o reflexo do fogo dava um brilho amarelado a todos aqueles rostos. Ouvindo as palavras misteriosas de Kong Dongde, uma osga que trepava pela parede voltou-se para o velho, que aparentava ter muito mais do que os seus sessenta e dois anos. Nos pequeníssimos olhos pretos e redondos do bicho percebia-se uma expressão de compreensão e, como um cão que encontra o seu dono, sacudiu várias vezes a sua longa cauda. Uma aranha cinzenta que se escondia no canto da parede leste escutou também as palavras de Kong Dongde e, de tanto esticar a cabeça para olhar para o outro lado, a sua barriga virou-se ao contrário.

“Partam todos.” Kong Dongde apontava para fora de casa. Durante mais de meio mês, não havia aparecido sequer um rasto de um sorriso naquela cara, mas era uma enorme alegria que tinha agora estampada na face. “Partam todos já, para leste, oeste, norte e sul — não olhem para trás, sigam sempre em frente, e se derem com alguma coisa, baixem-se para a apanhar. Esse objeto indicará o destino das vossas vidas.”

Os filhos permaneciam em silêncio, pensavam que o velho estava louco.

Mas o pai repetiu tudo três vezes, e na última distinguia-se um tom de súplica na sua voz. Foi então que Kong Mingliang, o segundo filho, lançou um olhar a Mingguang, o seu irmão mais velho, e os dois levaram os irmãos mais novos para fora daquele quarto, para longe do fogareiro, do banco, dos pais, da osga e da aranha, e saíram para a rua para experimentar o que lhes tinha sido pedido.

Foi aqui que tudo se transformou e o mundo nunca voltou a ser como era. Começou nessa noite a escrever-se um novo capítulo na história de Explosão.

Após a partida dos filhos, a mãe, que tinha estado sempre sentada na cama a assistir a tudo aquilo, olhou para os olhos do seu homem e exclamou: “Estás louco?”